

**BREVÍSSIMA HISTÓRIA DA PELEGRINAÇÃO JACOBEIA
EM PORTUGAL**

dott. Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha

É muito difícil, senão impossível, fazer ainda hoje a história da peregrinação jacobea portuguesa. Porque falta sobretudo estudar a nossa documentação.

O que se segue é apenas o esboço de uma história que só muitos pequenos estudos parcelares tornarão possível realizar. Faço esta súpula dividindo o tempo em quatro períodos: antes e depois da nacionalidade, a idade moderna e a actualidade.

1. Os primórdios

Que eu conheça, a mais antiga notícia do culto a Santiago em terra hoje portuguesa é a da sagração e dedicação ao Apóstolo da igreja de Castelo de Neiva (Viana do Castelo), no ano 862, ou seja, menos de meio século depois da inventio do túmulo de Santiago em terras galegas: In Dei nomine sacrabit / basilica Sancti Jacobi / Apostoli Domnus Nausti episcopus / s Era DCCCC¹ foto 10. Castelo de Neiva era um lugar acastelado, palco portanto de lutas militares.

De facto, Santiago começou por ser fundamentalmente o patrono da Reconquista, levada a cabo, a partir de Covadonga, pelos reis das Astúrias e de Leão, mas que rapidamente chegaria ao território que constituiu depois o Condado Portucalense, nomeadamente o Entre-Douro-e-Minho.

Ao ritmo desta luta e em ligação directa com ela, foram surgindo as primeiras igrejas dedicadas a Santiago, logo em Castelo de Neiva, como dizia, e depois na região de Coimbra, cidade várias

1. “Encontrando-se a lápide mutilada, é possível faltar-lhe algum número da Era, pois também faltam o dia e o mês, de cujo nome restam apenas o s final e parte da letra anterior. Neste caso, esse número estaria por debaixo dos outros. O sinal que está entre os CC pareceu-nos sulco da pedra no exame que lhe fizemos. Se o não for, será traço de abreviatura como o do D precedente. Não nos parece que seja o nexo cursivo do número VI, porque esse número ficaria deslocado no meio dos CC” (COSTA, Avelino de Jesus da – *O Bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga*, II, 2^a ed., Braga: Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, 2000, p. 129, nota 1).

vezes conquistada e perdida pelos cristãos e que sofreu longos assédios. O apego da tropa cristã à protecção de Santiago explica que várias igrejas dos arrabaldes da cidade tivessem sido dedicadas ao Apóstolo, mesmo antes da sua conquista. Mas começavam noutros lados a fazer-se também doações à Igreja de Compostela.

Em 883, D. Afonso III, rei das Astúrias (866-910), 10 anos antes da primeira conquista de Coimbra, doou a vizinha igreja de Trouxemil ("villa Crescimiri") a Compostela. Esta doação seria confirmada pelo mesmo rei no virar do século e, mais tarde, em 1063, por Fernando, o Magno (1037-1065). Trouxemil é hoje uma paróquia de Santiago.

No ano de 883, foi doado à igreja de Compostela pelo presbítero Cristóvão o mosteiro de S. Frutuoso de Montélios, cerca de Braga. Alguns anos mais tarde - a findar o séc. IX, em 899 -, o já citado Afonso III doou igualmente a Compostela a igreja de S. Vítor, também de Braga, e algumas propriedades mais ao redor da cidade. E outras doações deste género se seguiriam ao longo de todo o séc. X.

Do já referido ano de 899 é a notícia da primeira viagem a Compostela - digo-a assim pois não se tratou propriamente de uma peregrinação - levada a cabo a partir da terra hoje portuguesa: a dos bispos Nausto de Coimbra, Argimiro de Lamego, Gomado do Porto, Teodomiro de Viseu e outro Argimiro, este de Braga, que ali se dirigiram para a consagração da segunda basílica compostelana.

Com o séc. X, porém, surgiria uma outra realidade, a da dedicação a Santiago de algumas "ecclesias" ou "baselicas": em 922, a in ripa de Ul ecclesia Sancti Jacobi já existia; em 937 a bazelica vocabulo Sancti Jacobi hic in nostra villa de Sausellas, e ainda ao findar do século, em 991, a sancti Jacobi apostoli ... baselice edifigada ... in villa Nandini (hoje Santiago de Areias, Santo Tirso). As três são hoje paróquias de Santiago.

Quase no fim do séc. X, em 987, Almançor retomou a já cristã Coimbra - conquistada pela primeira vez em 893 -, o que desorganizou de novo a vida na região, "ficando a diocese vaga e ocupada pelos sarracenos até à reconquista de Fernando Magno, a 9 de Julho de 1064. Dada a extraordinária importância estratégica desta cidade, o rei foi em peregrinação a Santiago de Compostela pedir a intercessão do Apóstolo, antes de começar o cerco da cidade a 20 de Janeiro de 1064. Acompanharam-no sua esposa Sancha, os bispos de

Santiago, Lugo, Mondonhede e Sesnando, do Porto, os abades de Celanova e de Guimarães e muitas outras pessoas notáveis. Ao fim de seis meses, Coimbra, rendida pela fome, entregou-se a 9 de Julho... Depois da conquista de Coimbra, Fernando Magno e Sesnando, governador da cidade e da região, foram a Compostela agradecer ao Apóstolo tão importante vitória². É esta a primeira notícia que conheço de uma verdadeira peregrinação a partir de terra portuguesa.

Começavam a afirmar-se tanto a peregrinação como a devoção foto 2. Algumas das basílicas então já existentes transformaram-se em sedes paroquiais, como já disse. Mas várias paróquias antigas, anteriores à invasão árabe e então restauradas, abandonaram os oragos primitivos, acolhendo-se ao patronato de Santiago. É o caso, por exemplo, das de Santiago de Nogueira (Vila Nova de Cerveira), que era de S. Cristóvão, de Santiago de Santa Lucrécia de Algeriz (Braga), como o nome o diz, e de Santiago da Moita (Anadia), dedicada primeiramente a S. Cucufate. E muitas outras se criaram de novo ao ritmo do surgimento de novas povoações logo dedicadas também ao Apóstolo. No Censual da Diocese de Braga do Bispo D. Pedro, elaborado pouco depois de 1071, são já citadas 39 paróquias jacobitas (só na parte ocidental da Diocese!), número que subiria rapidamente, como sabemos das Inquirições reais dos sécs. XIII e XIV, alargadas já ao Entre Douro e Minho, à metade Norte de Portugal e (em 1320) a todo o país.

De várias maneiras, a divisão paroquial ajustava-se a um tempo novo e a novas necessidades. Assim, por exemplo, a paróquia de Santiago de Palme, citada no Censual de D. Pedro e nas Inquirições de 1220, estava já em 1258 dividida em duas, as de Santiago de Aldreu e de Santo André de Palme; pelo contrário, a de Santiago de Eixate, citada também em 1220, já não é referida nas Inquirições de 1258; mas em seu lugar, no séc. XIV, surgiria uma nova paróquia, a de Santiago de Feitos, igualmente dedicada a Santiago.

Enquanto isto, a independência portuguesa e, sobretudo, a conquista de território à mourama, corriam sob a invocação de Santiago foto 8. A própria batalha de Ourique (1139, diz a lenda) não

2. *Ibid.*, I, 2^a ed., 1997, p. 198.

poderia ter ocorrido senão em dia de Santiago, como acontecera de resto com a de Clavijo (884)!

Entretanto, a par da reconquista, afirmava-se a peregrinação. A paz vencia a insegurança e permitia a peregrinação.

Temos notícia de que o Bispo D. Pedro (1070-1091), de Braga, já citado a propósito do famoso Censual, foi a Compostela, após a restauração da sua diocese, para ali participar num Concílio Provincial realizado em 1075.

Várias vezes ainda se terá deslocado também ali D. Hugo (1112-1136), "o antigo arcediogo de Compostela, depois bispo do Porto, ... para ver o seu amigo D. Gelmirez e rezar junto do sepulcro do apóstolo"³.

Na Páscoa de 1211, estavam em Compostela os Bispos Soeiro (1205-1229) de Évora, Soeiro Viegas (1210-1232) de Lisboa, e Pelágio (1211-1246) de Lamego⁴.

Verdadeiros peregrinos compostelanos - "et nos amore huius apostoli venientes causa orationis" - por finais de 1097 foram o Conde D. Henrique e sua mulher Dona Teresa, como consta de um documento de confirmação da doação do couto da Correlhã à Igreja de Santiago da Galiza, datado de 9 de Dezembro daquele ano.

López Ferreiro, o célebre historiador da igreja compostelana, não tem dúvida em afirmar: "rapidamente a nação portuguesa começou a venerar o Apóstolo S. Tiago e a visitar a sua Santa Casa".

2. Depois da nacionalidade

A peregrinação tornou-se pouco a pouco, mas rapidamente, prática religiosa de todas as classes sociais.

Peregrinaram a Compostela alguns dos nossos primeiros reis. D. Afonso II fê-lo em 1220 e D. Sancho II, eventualmente, em 1244, orationis causa⁵.

3. MARTINS, Mário - *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, 2ª ed., Lisboa: Brotéria, 1957, p. 117.

4. BRAGA, Alberto Vieira - *"Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal"*, Guimarães: Separata da *Homenagem a Martins Sarmento*, 1933, p. 417.

5. Sobre estas duas peregrinações e as mais da casa real portuguesa, ver MORENO, Humberto Carlos Baquero e MARTINS, Alcina Manuela de Oliveira - *"Figuras de la Realeza Portuguesa en peregrinación a Santiago"*, in *Santiago, Camino de Europa* (Catálogo de Exposição), Santiago de Compostela, 1993, pp. 99-119.

Mas por esta altura havia já muitos peregrinos jacobeus de outras classes. Em 1173, Fernando Dias, em testamento que ditou antes de partir com os irmãos in terra de Galecia, deixou indicações precisas sobre o destino a dar aos seus bens⁶. Nas Inquirições de 1220, o pároco da Várzea⁷ (Barcelos) declarou que na paróquia do mosteiro que aí existia só compareceram a declarar 4 dos 6 chefes de família da paróquia, porque duo ... sunt ad Sanctum Jacobum!

Começava, a seguir, a prática da peregrinação "por substituição".

Em 1263, João Diogo destinou em testamento uma certa quantidade de dinheiro a quem fosse por ele a Santiago da Galiza⁸. Em 1269, também em testamento, Domna Dominica Joannis deixou homini, qui vadat pro me ad Sanctum Jacobum sex libras, et quatuor libras pro offerta⁹. Item Ilvira Soares, em testamento de 28 de Abril de 1290: a quem vá por mim a São Tiago de Galiza hum moravid e meyo¹⁰. Em 1350, registava assim Nicolau Giraldes, mercador de Guimarães: mando que pello meu auer enuiem hum homem a Santa Maria de Recamador que va alo por mim em Romaria e mando alo dizer huma missa e ponha hi huma candea, e hua obrada por mim e fassa certo por escritura publica como ala foi. Item mando que pello meu hauer inuiem outro homem a São Tiago de Galiza, e mandem alo dizer outra Missa e ponhão hi otra candea, e obrada por mim¹¹.

E quantos mais recorreram a esta prática! Foi o caso de D. Maria, filha de D. João I: A Frei André de Fezes pediu a infanta D. Maria, filha daquele monarca, 'para fazer por ella uma romaria a Santiago da Galiza'¹².

6. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta de Guimarães (AMAPG) - *Testamentos e Doações*, II, p. 199v.

7. Havia, na altura, três paróquias ditas Várzea: a do mosteiro, a de Santa Eugénia e a de S. Jorge.

8. AMAPG - Pergaminho XXXI.

9. AMAPG - *Testamentos e Doações*, I, p. 354.

10. AMAPG - *Testamentos e Doações*, I, p. 148v.

11. AMAPG - *Testamentos e Doações*, I, pp. 114 e 116v.

12. SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, III, Lisboa: Verbo, 1978, p. 338, citando Frei Manuel de Monforte - *Chronica da Provincia da Piedade*, livro IV, cap. XXIX, pp. 578-579.

Mas a peregrinação mais célebre de toda esta época foi, não há dúvida, a da Rainha Santa Isabel, que demandou Compostela por duas vezes, uma em 1325, com seu estadão real, e uma segunda, dez anos depois, já viúva, quando pedibus et ivit et rediit, embora não tenha conseguido dessa vez o anonimato que desejava.

Também os clérigos peregrinavam, e desde logo a Compostela. E tanto que, já fins do séc. XIII, para sanear abusos, o Sínodo de Braga de 1281 mandava: [Prohibemus sub pena excomunicacionis] quod nullus clericus beneficiatus uadat in peregrinacionem extra regnum uel ad studium sine nostra licencia¹³. Era já a velha questão do absentismo pastoral que, ao longo de toda a Idade Média, não parou de crescer.

Claro que, no meio disto tudo, há a história de D. Pedro (1289?-dp 1354), Conde de Barcelos. Na defesa das pretensões do Pai, o rei D. Dinis que, na luta que este travava com o filho e herdeiro, o futuro D. Afonso IV, irmão de D. Pedro e genro da rainha de Castela, D. Maria de Molina, inimiga do rei português, viu-se obrigado a invadir a Galiza. Vieram ao seu encontro as armas espanholas comandadas pelo arcebispo de Compostela. D. Pedro mandou-lhe perguntar se era de sua vontade entrar em combate. O bispo - relata o cronista - respondeu-lhe que se vinha assim, não era para rezar matinas, que já o tinha feito nesse dia! Em resposta, o nosso Conde disparou por aí acima, a pôr tudo a ferro e fogo, de La Guardia a Santiago de Compostela, sem encontrar resistência. Mas no fim foi ao túmulo do Apóstolo. Estávamos em 1336.

Finda esta longa lista de nomes, de quantos peregrinos mais não há memória! De Nuno Álvares Pereira, informa Fernão Lopes que cuidou ho Comde em sua vomtade de ir em romaria a Samtiaguio da Gualiza, e esto por trez rezões: a primeira, por fazer serviço a Deus...¹⁴, desejo que provavelmente não terá conseguido levar a cabo ou não.

Nesta altura, atravessavam também por terras portuguesas muitos espanhóis que, das mais variadas regiões de Castela e sobretudo da Andaluzia, pendiam a Ocidente, atravessando o reino de

13. *Synodicon Hispanum - II Portugal*, Madrid: BAC, 1982, pp. 15-16.

14. LOPES, Fernão - *Crónica de D. João I*, II Vol., Porto: Civilização, 1990, p. 14.

Portugal. Isto mesmo se depreende da notícia que deixou Fernão Lopes (c. 1380 - c. 1458), informando que, por terras de Bragança, vinham "muitos almocreves e mercadores castelãos que iam com suas mercadorias pera a festa de Santiago de Gualiza que se chegava no mes de Julho"¹⁵.

Por curiosa, registo ainda a história do peregrino castelhano que, de volta de Santiago, foi miraculado em Santarém, por invocação de Fr. Gil de Santarém (1155 ou 1185?-1265):

"... disse finalmente que fora cumprir um voto seu ao Apóstolo de Compostela e, voltando depois a casa por Portugal, dormira uma das noites num vale, mas que ao levantar-se de manhãzinha pressentira que todos os ossos de ambos os lados haviam diminuído e assim ficara com aquela deficiência de pés e, por isso e devido ao enregelamento, não havia de demorar muito que mesmo ali viesse a morrer. Todos ficaram compadecidos daquele pobre homem e por fim um daqueles que andavam a levantar a obra [de reparação do tecto do mosteiro dominicano de Santarém] incita-o à devoção a S. Gil, que fosse ao seu túmulo com devoção e tivesse esperança de recobrar a sua saúde como tinha acontecido a outros. Coisa deveras extraordinária: levam-no à capela pela mão e aí fica a chorar e a gemer, mas, passada uma hora, encontrava-se curado"¹⁶.

Que caminhos seguiam todos estes peregrinos?, é pergunta difícil responder agora, embora ela interesse hoje muito a autarquias e turismo em geral.

Foi no entanto ao longo destes caminhos que começou a organizar-se toda uma estrutura de serviços, de caridade ("por Deus") ou pagos, destinados ao atendimento de viajantes e peregrinos. Nunca mais daqui saímos hoje. É porventura o lado mais estudado de toda esta história. Em Portugal, concretamente, são inúmeros os testamentos medievais que contemplam a fábrica de pontes, as mais variadas, umas, romanas a necessitar de reparação, ou outras em projecto de construção, em território nacional e até na Galiza. As mais frequentes são talvez as de Cavez, Barcelos, Alfena, Canavezes,

15. *Ibid.*, p. 181.

16. SÃO JOÃO, Fr. Baltazar de - *Vida de S. Fr. Gil de Santarém*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989, p. 104.

Bouças, Ponte Áurea (Ourense), ou a do Douro (que nunca chegou a ser construída). Mas quantas mais não seria preciso referir se aqui quiséssemos uma lista no mínimo aproximada!

Quando não havia ponte, que remédio!, uma barca, a menos que se tratasse de um pequeno ribeiro que pudesse passar-se a vau ou numas simples poldras. Por isso, instituir uma barca, dotá-la de bens suficientes que garantissem a sua manutenção e a subsistência do barqueiro era também uma obra de misericórdia. Inúmeras. De muitas não sabemos se por Deus, se a pagar. Mas a sua quantidade diz-nos da importância que tiveram não só na peregrinação a Compostela como na viandância em geral.

Depois as albergarias ou hospitais. Ponte, barca e hospital ou albergaria perfazem mesmo uma trilogia importantíssima na peregrinação medieval jacobea.

Albergarias havia de início apenas as dos mosteiros. Foram depois surgindo muitas mais, instituídas por obrigação de Caridade: lembremos só as da Penajóia (Lamego) foto 7, fundada por D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, e de Canavezes, para a qual, por testamento de 1165, a mesma D. Mafalda deixaria um prédio e bens. Estas fundações foram muito importantes, até pelo seu valor exemplar. Mas não foram as primeiras.

Já no séc. X, em 915, o rei Ordonho (914-924), ao doar a vila rústica da Correlhã (Ponte de Lima) à igreja de Santiago de Compostela, prevenia que alguns dos seus bens deveriam ser destinados pro subsidio pauperum et peregrinorum¹⁷. Em 951, o rei Ramiro II (930-951), no documento de doação da vila de Mellares (hoje por identificar) ao Mosteiro de Guimarães, venceu bem a obrigação com que ficavam os monges de cuidar dos hospitum, adveniencium, peregrinorum et pauperum¹⁸. Pouco depois, em 959, o Conde Hermenegildo Gonçalves, casado com a célebre Mumadona Dias, fundadora do mosteiro de Santa Maria de Guimarães, deixou determinado em testamento que alguns dos seus bens se destinariam aos peregrinos¹⁹. No ano seguinte, uma sobrinha de D. Mumadona,

17. FERREIRO, López - *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela*, II - Apéndice, Santiago, 1899, pp. 85-87.

18. *Vimaranis Monumenta Historica*, I, Vimarane, 1908, pp. 4-5.

19. *Ibid.*, p. 7.

Dona Chama, fez o mesmo²⁰. De igual modo procedeu Adosinda que, cuidando dos pauperum etiam hospitum et peregrinorum, lhes mandou destinar alguns bens na doação que fez de Vila Cova ao Mosteiro de Guimarães, no ano 961²¹. Poderiam multiplicar-se indefinidamente notícias deste tipo. Não deixo no entanto de referir que a primeira albergaria destinada exclusivamente aos romeiros que passavam a caminho de Compostela²² pode ter sido a instituída cerca do ano 1160, em Chaves, fundada ainda pela rainha D. Mafalda com essa declarada finalidade.

Enquanto isto, continuava a processar-se por todo o território já português a reorganização e renovação do tecido paroquial. Muitas das paróquias restauradas conservaram as antigas invocações do cristianismo hispânico e visigótico (Santa Eulália, Santo Isidoro de Sevilha, São Vicente, São Cucufate, Santa Marinha, Santa Eufémia, São Paio, Santa Leocádia de Toledo, Santa Comba e tantos mais). Mas outras acolhiam-se às novas devoções da época (O Salvador, Santa Maria, S. João Baptista, etc). É que, por causa da diminuição da população devida às guerras e pela peste, do abaixamento da produção agrícola, e, no Norte particularmente, da grande densidade da malha paroquial antiga que necessitava ser revista, mas também devido ao surgimento de novas povoações - as chamadas "vilas novas" -, ao crescimento das cidades, à abertura de novas estradas, etc, exigia-se a criação de um novo mapa paroquial. E Santiago foi orago de muitas destas novas paróquias foto 3.

No Aquém e no Além-Tejo, entretanto, as mudanças processavam-se de maneira bastante diferente. Conquistado o Algarve definitivamente só em 1249, a criação de um novo tecido paroquial deveu aí muito à grande influência que as Ordens Militares, sobretudo a de Santiago, tinham na região. A Ordem de Santiago é mesmo a responsável pela criação de quase todas as paróquias jacobeias do Além-Tejo e Algarve.

Como todas as paróquias jacobeias, implantadas rigorosamente ao longo de caminhos de peregrinação, começaram também a ser

20. *Ibid.*, p.11.

21. *Ibid.*, p. 13.

22. SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, I, 2ª ed., Lisboa: Verbo, 1978, p. 222.

edificadas imensas ermidas dedicadas ao Apóstolo, a partir sobretudo dos séc.s XIV e XV. E nos séc.s XV e XVI viriam as Irmandades e Confrarias de Santiago.

Entretanto, já há muito que a comemoração litúrgica do Apóstolo, que se celebrava primeiramente a 27 de Dezembro, tinha passado para 25 de Julho com a difusão do calendário gregoriano.

3. Idade Moderna

No fim da Idade Média, a peregrinação jacobea conhecia já grande intensidade. Tanta que, logo no séc. XII, o célebre Missal de Mateus sentiu necessidade de incluir uma *Benedictio baculi* dos peregrinos que partiam em peregrinação: Recebe este bordão. Ele te sirva de ajuda nos esforços e dificuldades do caminho, com ele possas vencer os obstáculos e chegar em segurança ao túmulo do Apóstolo bem como a outros lugares por que passes no trajecto, e regressar com alegria depois da peregrinação que te propões²³.

Mas, a partir do séc. XIV, com o anúncio dos ventos da Idade moderna, muito começaria a mudar.

Nomeadamente com o aparecimento da *Devotio Moderna*, a espiritualidade cristã recentrava-se na figura de Jesus. A partir daí, o culto dos santos começou a ser posto em questão. Erasmo (1466?-1536) haveria mesmo de denunciar: se algum deles é de índole fabulosa e poética, como São Jorge, São Cristóvão ou Santa Bárbara, todos lhe terão maior devoção do que a São Pedro, São Paulo ou ao próprio Cristo²⁴. Quanto à peregrinação propriamente dita, a *Imitação de Cristo* (séc. XV) lançaria a suspeita: *Qui multo peregrinantur, raro sanctificantur*²⁵.

Entre nós, o *Tratado de Confissom*, editado em 1489 em Chaves, cidade de intensa passagem na demanda de Compostela, tomou sobre a peregrinação duas posições divergentes. Falando de faltas não especialmente graves ("outros pecados"), recomendou se fizesse delas penitência "per esmola e per romarias"; no entanto, pouco adiante, como que corrige o anteriormente dito: Muito se deve guardar o confessor que os homens nem as molheres, [e os]

23. *Missal de Mateus*, edição de Joaquim O. Bragança, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975, p. 706.

24. *Elogio da Loucura*, XLV.

25. XXIII, 4.

mancebos[,] que os nom enviem andar romarias pelo mundo; ca por ver, [e] ouvir[,] podem muito aginha pecar e fazerem pecar outros, mais deve lhe dar outras cousas em peendenza assi como que vam a igreja ouvir as missas e as horas e as pregações e em quanto hi estiverem digam o pater noster e a ave maria e outras orações com hos geolhos em terra²⁶.

Estava lançado o descrédito sobre a peregrinação.

« - É verdade que vão as almas em Romaria a Santiago?

- Hui! muito certo, as que lá não foram em vida!

- Assi dizem aqui estes judeus, que hão-d'ir à terra da promessa, em morte, por debaixo da terra, foçando como toupeiras.

- Por isso, quem lá pode ir na vida...

- Antes, a meu parecer, será melhor depois.

- Porquê, cuitada de mim?

- Porque aquela estrada que vemos de noite não tem tantas encruzilhadas nem tantos ladrões.

- Bom é pagar cá as dívidas.

- E far-se-á com muito menos custa e trabalhos: sem passar pelo mau gasalhado de Portugal, nem polas sujidades da Galiza.»²⁷

Este pequeno texto de Sá de Miranda (1488-1557), para além do mundo lendário jacobeu do século XVI, informa-nos já das dificuldades de peregrinar a Compostela nessa mesma época.

Em pouco tempo, o povo simples fixaria: romeira, rameira. Os Romanceiros populares recolhidos sobretudo a partir do séc. XIX, explicavam: Mal parece, ó romeira, / sozinha nesta terra andar; por isso, muito estranhou o rei quando soube que andava por caminhos de peregrinação uma romeira linda como uma estrela²⁸.

Isto na teoria. Porque na prática a peregrinação mantinha-se em alta. As maiores figuras eclesiásticas e da nobreza, portuguesas e europeias, faziam de há muito de Compostela um lugar incontornável. Portugal estava então no topo da história, da política e até das novas ciências europeias. Juntavam-se-lhes por isso, agora, os artistas, os

26. *Tratado de Confissom*, Lisboa: INCM (Imprensa Nacional/Casa da Moeda), 1973, pp. 192 e 198.

27. MIRANDA, Sá de - «*Os Vilhalpandos*», in *Obras Completas de Sá de Miranda*, Lisboa: Sá da Costa, 3ª ed., 1977, p. 205.

28. MARTINS - *ob. cit.*, p. 148.

diplomatas, os viajantes incorrigíveis, os cientistas. E o povo simples, sobretudo.

Este é, de resto, o tempo dos grandes relatos de peregrinação. O mais antigo é de Nicolau Lanckman de Valckenstein, capelão e embaixador do imperador alemão. Viajando a Lisboa em 1451, com faustosa embaixada, para celebrar os esponsais de D. Leonor, filha de D. Duarte e D. Leonor, com Frederico III da Alemanha, decidiu passar primeiro em Compostela²⁹. Seguiram-se-lhe outros relatos mais: os de Leão de Rozmítal, cunhado do rei da Boémia (1466)³⁰, de Nicolau de Popielovo, um viajante incansável natural da Silésia (1484)³¹, de Jerónimo Munzer, viajante e cientista alemão (1494)³², de D. Edme de Saulieu, Abade de Claraval (peregrino em 1531)³³, de Erich Lassota de Steblovo, militar polaco (1581)³⁴, de Bartolomé Bourdelot, embaixador veneziano na corte de Madrid (1581)³⁵, de Confalonieri, secretário do Núncio Apostólico em Lisboa com quem peregrinou (1594)³⁶, de Jacobo Sobieski, pai do rei da Polónia (1607)³⁷, de Domenico Laffi, um sacerdote de Bolonha que peregrinou a Compostela três vezes (1666, 1660 e 1673)³⁸, de Cosme III de

29. Ver o relato desta viagem em *Leonor de Portugal, Imperatriz da Alemanha*, edição do texto latino e tradução de Aires A. Nascimento, Lisboa: Cosmos, 1992.

30. MERCADAL, J. García -*Viajes de Extranjeros por España y Portugal desde los tiempos más remotos hasta comienzos del siglo XX*, Vol I, Junta de Castilla y León, 1999, pp. 243-285 (de seguida citarei apenas MERCADAL, Vol. e pp.).

31. MERCADAL, I, 287-304.

32. MERCADAL, I, 305-390.

33. Sobre a viagem de Bronseval, ver COCHERIL, P. Maur - "*Le Portugal et la 'peregrinatio Hispanica' de frère Claude de Bronseval*", in *Revista Portuguesa de História* (Homenagem, ao Prof. Pierre David, Vol. 1), Coimbra, 1955, pp. 169-216.

34. MERCADAL, II, 411-451.

35. SAUCKEN, Paolo G. Caucci von - "*La via lusitana en los relatos de los peregrinos italianos*", in *(Actas do) I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela*, Lisboa: Távola Redonda, 1992, p. 246.

36. CONFALONIERI, Juan Bautista e MELÉNDEZ, Juan M. López-Chaves - *El camino portugués*, Vigo: Amigos de los Pazos, 1988.

37. MERCADAL, III, 177-188.

38. CUSATIS, Brunello de - *O Portugal de seiscentos na "Viagem de Pádua a Lisboa" de Domenico Laffi*, Lisboa: Presença, 1998.

Médicis, Grão-duque da Toscana (1669)³⁹, de Diego Torres de Villarroel, um pícaro professor da Universidade de Salamanca (1736)⁴⁰, de Nicola Albani, napolitano (1743)⁴¹, e, por último, de W. Dalrymple, militar inglês (1774)⁴². Todos nos deixaram os seus relatos de peregrinação.

E quantos mais peregrinos de que temos notícia mas não relato de viagem? Em 1429, é o pintor flamengo Jan Van Eyck, então em serviço em Lisboa; em 1451, o bispo de Coimbra D. Afonso Nogueira (1453-1460); em 1469, Dona Filipa, filha do Infante D. Pedro e neta de D. João I; em 1502, o rei D. Manuel I, acompanhado, entre outros, de D. Pedro Vaz Gavião, bispo da Guarda (1496-1516)⁴³; D. Luís (1506-1555), filho de D. Manuel I e pai de D. António, Prior do Crato, peregrinou a Santiago, em 1549, acompanhado do pintor Francisco da Holanda (1517-1584)⁴⁴.

Apesar dos estragos que o Humanismo fazia na peregrinação, grandes vultos deste nosso tempo histórico ali se deslocaram pelas mais variadas razões. Em 1533, a peregrinação a Compostela foi o álibi que Damião de Góis (1502-1574) encontrou para se escapar de Lisboa, quando percebeu os primeiros prenúncios do que lhe viria a acontecer.

Logo a seguir, foi a vez do notável humanista Nicolau Clenardo (1493?-1542), que havia sido chamado a Portugal como professor do futuro Cardeal D. Henrique; fê-lo em 1537⁴⁵. Em 1543 demandavam Compostela os jesuítas Melchior Carneiro (1516-1583) e Martin de Santa Cruz, missionários na Etiópia⁴⁶.

39. CAUCCI, Paolo - *Las peregrinaciones italianas a Santiago*, Santiago de Compostela: Porto, 1971, pp. 81-82.

40. VILLARROEL, Diego de Torres - *Vida*, 4ª ed., Madrid: Cátedra, 1998, p. 215.

41. GONZÁLEZ, Isabel (ed.) - *Viaje de Nápoles a Santiago de Galicia*, Madrid: Consorcio de Santiago, 1993.

42. MERCADAL, V, 165- 236.

43. SILVA DIAS, José Sebastião - *A Política Cultural de D. João III*, I, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969, p. 185.

44. BRAGA - *ob. cit.*, p. 423.

45. CEREJEIRA, M. Gonçalves - *Clenardo e a sociedade portuguesa do seu tempo*, Coimbra: Coimbra Editora, 3ª ed., 1949, pp. 118-119.

46 . BRAGA - *ob. cit.*, p. 423.

Claramente "orationis causa" peregrinou ainda à Galiza o futuro S. João de Deus (1495-1550) quando, depois das campanhas da Áustria com Carlos V, voltou a Montemor-o-Novo. A romagem que fez a Compostela no ano de 1533 causou nele uma profunda impressão mística e levá-lo-ia à decisão de se entregar ao serviço dos pobres⁴⁷. Pela mesmíssima razão, peregrinou ao túmulo apostólico o futuro mercedário Frei Gonçalo Dias de Amarante (1548?-1618), o "pai dos pobres" de Lima (Perú), cujo processo de beatificação tramitou devidamente em Roma mas nunca foi concluído⁴⁸.

Apesar de tudo, a peregrinação não esmorecia. Entrado o séc. XVII, há notícia de outros peregrinos: D. Martim Afonso de Melo, Bispo de Lamego (1599-1613), o Visconde de Ponte de Lima e o Núncio Apostólico em Portugal, Gaspar Albertoni (1609-1614), todos em 1610, bem como o Núncio que lhe sucedeu, Octavio Accramboni (1614-1620), em 1615⁴⁹.

Era tão intensa a peregrinação nesta altura que diversos Cabidos catedralícios ou colegiais, para evitar abusos, estabeleceram que os seus cónegos podiam deslocar-se a Compostela sem perda de suas rações mas com tempo limitado. Assim era em Évora, e assim aconteceu em 1555 e 1572, respectivamente, com Gaspar Barreiros (?-1574) e Paio Rodrigues de Vilarinho (?-1580), conhecidos humanistas e ambos cónegos da Sé da mesma cidade⁵⁰. Por decisão de 13 de Julho de 1588, os Cónegos de Coimbra tinham também 40 dias de licença para peregrinarem a Santiago e outros tantos a Monserrate (Catalunha). Porém, entre cada peregrinação haviam de mediar quatro anos⁵¹. Também por determinação de 17 de Novembro de 1717, os cónegos de Lamego podiam ausentar-se por 30 dias, sem perda de

47. *Ibid.*, IV, 1979, p. 406.

48. COLOMBO, Fray Filipe - *Vida del Siervo de Dios Fray Gonzalo Diaz de Amarante*, Madrid: Antonio Gonzalez Reyes, 1678, pp.15-16.

49. BRAGA - *ob. cit.*, pp. 423-424.

50. SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, III, Lisboa: Verbo, 1978, p. 338, citando PEREIRA - *Documentos históricos da cidade de Évora*, II parte, Évora, 1887, p. 179.

51. SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*, IV, Lisboa: Verbo, 1979, p. 400.

honorários, para peregrinarem a Compostela⁵². O mesmo acontecia com os da Colegiada de Santa Maria de Guimarães.

Mas até isto mudaria. Quando, em 1640, Portugal reconquistou a independência perante Castela e já quase nada do que era espanhol tinha boa fama, o Cabido de Lamego apontou aos seus cónegos que as romarias a Compostela e à Senhora de Guadalupe podiam ou deviam ser comutadas pelas da Senhora da Lapa ou de São Gonçalo⁵³. Mas a sugestão da comutação não resultou na prática: em 1717 dizia-se-lhes já claramente que, para irem a Santiago, dispunham de novo de 30 dias⁵⁴.

Nesta altura, a seguir à Restauração, tempos de nacionalismo forte, pretendeu-se que a devoção a S. Gonçalo de Amarante foto 5, então ainda no seu auge, substituísse a espanhola de Santiago, o que já se adivinhava desde muito antes. É neste contexto, por exemplo, que se entende a decisão da Câmara de Guimarães de, em sessão de 22 de Agosto de 1624, garantir ao Hospital da Misericórdia da Vila uma pena de água para que este pudesse assistir convenientemente aos muitos peregrinos que por ali passavam, visto esta vila ser de passagem para S. Tiago da Galiza e S. Gonçalo de Amarante⁵⁵.

Mas, de facto, a peregrinação jacobea aparentava ainda saúde.

Permitam-me leia o cronista de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), era ele ainda o Arcebispo de Braga, que conta assim: ... uns peregrinos que encontrou... eram sacerdotes e pobres, de nação italianos e passavam em romaria a Santiago. Mandou-os ir à casa onde se agasalhava ... assentou-os na cabeceira da mesa junto consigo e, como se cada um dos pobres fora a pessoa de Cristo, assim se fez seu trinchante, partindo com eles de tudo o que lhe punham diante⁵⁶.

Agora se faria, portanto, a história da assistência aos peregrinos jacobeus nesta época, o que o tempo não comporta.

52. COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, V, Lamego, 1986, p. 171.

53. COSTA, M. Gonçalves da - *História do Bispado e Cidade de Lamego*, I, Lamego, 1977, p. 259, nota 2.

54. *Ibid.*, V, 1986, p. 171.

55. AMAPG - *6º Livro das Vereações da Câmara*, fls. 53-54.

56. SOUSA, Frei Luís de - *A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Lisboa: INCM, 1984, p 391.

Mas lembremos a albergaria de Vilar de Perdizes foto 9, ainda de pé em toda a sua monumentalidade, fundada em 1551, e reconstruída depois em 1724. E recordemos também a "capela aberta" de Barbeita (Monção), do séc. XVI, pensada para estar sempre disponível, de dia e de noite, ao acolhimento dos peregrinos.

Mas, com o séc. XVIII, a peregrinação a Compostela entrou definitivamente em decadência: o culto dos santos adquirira formas grotescas e estava por vezes sujeito à influência de uma exteriorização pagã. As ... peregrinações deixavam muito a desejar na sua realização concreta e prática⁵⁷. É nesta altura que Santiago se confunde popularmente com outros santos: com S. Martinho (em Santiago de Ronfe, Guimarães, ou Santiago de Vila Chã, Ponta da Barca), S. Francisco Xavier (em Santiago de Vale de Lobo, freguesia hoje dita Vale da Senhora da Póvoa, Penamacor), ou, sobretudo com Santiago Menor (em vários lugares de Portugal).

A par, os males causados pelo Iluminismo e, na Península, a instabilidade social e política gerada pelas Invasões Francesas e o Liberalismo fizeram o resto. No séc. XIX, no entanto, as peregrinações adquiriram uma nova força de atracção, elas que no XVIII tinham perdido muito da sua influência⁵⁸, facto que se deve em grande parte ao interesse romântico pelo medieval e pelo popular e à publicação da Carta Apostólica Deus Omnipotens, de Leão XIII, em 1884, a confirmar a autenticidade das relíquias de Santiago, com o fim de que todos os fiéis ... empreendam de novo peregrinações àquele sepulcro sagrado, segundo o costume dos nossos maiores. O que poderá ter acontecido.

Mesmo assim, em pleno séc. XVIII, a peregrinação estava já em declínio. No entanto, no Hospital del Espíritu Santo y La Magdalena, de Vigo (que não era lugar de muita passagem dos peregrinos portugueses, diga-se), foram tratados entre 1724 e 1737, 106 peregrinos portugueses, das mais variadas procedências⁵⁹.

57. LORTZ, Joseph - *Historia de la Iglesia*, II, 1982. p. 320.

58. JEDIN, Hubert - *Manual de Historia de la Iglesia*, VII, Barcelona: Herder, 1978, p. 854.

59. ALMEIDA, Ernesto Iglesias - *Caminos Portugueses a Santiago (en la Diócesis de Tuy - Vigo)*, Vigo: Asociación de los Pazos, 1992.

Peregrinos do séc. XIX são os membros da família real, D Maria II e seu marido D. Fernando⁶⁰, acompanhados dos filhos D. Pedro e D. Luís⁶¹, que, em 1852, se deslocaram a Compostela.

No entanto, neste mesmo século, algumas paróquias de Santiago começaram a abandonar o padroado do Apóstolo para se acolherem à devoção mariana: assim os casos de Vale da Senhora da Póvoa (Penedono, antiga Santiago de Vale do Lobo), Sobradelo da Goma (Póvoa de Lanhoso), Corujeira (Guarda), Ourozinho (Penedono) e Torre de Moncorvo. Castelões de Santiago (Tondela), por sua vez, abandonando a invocação jacobea, acolheu-se à de O Salvador. A par, quantas ermidas de Santiago mudaram também de invocação! E quantas paróquias de Santiago desapareceram!

Disto tudo diz bem o painel de azulejos que ainda hoje se conserva no adro da igreja paroquial de Santiago de Fontes (Santa Marta de Penaguião) que diz assim:

“Dar pousada aos peregrinos (foto 4)

Vale menos do que dar

Moradia às pobres almas

no coração do lugar”.

4. O hoje da peregrinação jacobea em Portugal?

O que resta então da peregrinação jacobea em Portugal? Antes de mais as paróquias (184 no total do país) e as muitas capelas dedicadas a Santiago foto 1 (cerca de 140, entre existentes, desaparecidas e paroquiais de antigas freguesias extintas), estas últimas quase sempre mais tardias (séculos XV/XVIII). Muitas paróquias, entretanto, desapareceram (umas 37) e outras mudaram de invocação.

Mas há toda uma outra série de sinais jacobeus: fontes, festas e feiras, cruzeiros, a toponímia (o número de hagiopónimos "Santiago" ultrapassa em muito a soma dos lugares de culto actuais ou

60. Antes deles, em 1782, D^a Maria I e seu marido D. Pedro tinham oferecido à Catedral compostelana uma lâmpada com esta inscrição: "Domina Dominus Mariæ I et Petrus III Portugalix et Algarbiorum reges pii religiosissimi in signo eiusdem devotionis hanc lampadem quinque luminibus instructam ut in templo maximo Compostellæ et Apostoli honori perpetuo præluceant redivitibus huic constitutis dicarunt. Anno Domini 1782".

61. FONSECA, Teotónio da - *O Concelho de Barcelos*, I, Barcelos, 1948, p. 232.

desaparecidos do território nacional!), imagens pintadas ou esculpidas (representando quer Santiago Apóstolo, quer Santiago Mata-Mouros, quer ainda Santiago peregrino), a ourivesaria (recordo o medalhão da cruz paroquial de Santiago de Figueiró, Amarante, e o Santiago Matamouros do séc. XVII, oferecido em 1677 pela Duquesa de Aveiro à Catedral de Compostela⁶²), belos nichos como o de Escarigo (Figueira de Castelo Rodrigo), albergarias, imponentes umas, outras mais modestas como a de Santa Valha⁶³ (Valpaços) ou ainda completamente transformadas, como aquela em cujo edifício está hoje a Câmara Municipal de Murça⁶⁴, mosteiros que tiveram enorme importância na peregrinação jacobea, lendas como a que está representada na paroquial de Santiago de Parada (Alfândega da Fé)⁶⁵, a heráldica, as Irmandades e Confrarias de Santiago, algumas ainda existentes. E tem de ver-se ainda o lendário em geral foto 6, o rifoneiro, o adagiário, o romanceiro popular, a etnografia e a Literatura em geral⁶⁶. Modernamente, a memória da devoção jacobea perdura muitas vezes na alma popular para além do imaginável, tendo

62. *Luces de peregrinación [Catálogo de Exposición]*, Xunta de Galicia, 2003, pp. 68-70.

63. A actual residência paroquial de Santa Valha foi uma albergaria de peregrinos, como o diz a inscrição colocada no muro exterior: "PAVPERES SEMPER HABETE VOBISCVM / MARTIM VELHO BARRETTO ABBADE NESTE / LVGAR DEDICA A DEVS ESTA CAZA P[ERA] POBRES / PEREGRINOS ANNO DE 1695".

64. O actual edifício da Câmara Municipal de Murça que, a partir de 1587, foi Mosteiro de religiosas beneditinas, foi inicialmente uma albergaria: «hum Hospital pera agasalhar pobres & peregrinos», como diz Frei Luís de S. Tomás na *Benedictina Lusitana* (edição crítica de José Mattoso, II, Lisboa: INCM, 1974, pp. 394/395). Ao lado de Murça há, de resto, uma capela de Santiago, recentemente reedificada.

65. No tecto da paroquial de Parada há um relevo em madeira policromada sobre a lenda da barca de Santiago. Montado num cavalo, atravessando um dia o Apóstolo o rio Sabor, animal e cavaleiro foram levados pela corrente. Agarrou-se então Santiago à corda lançada por um barco que passava no rio e salvou-se. E, de facto, o relevo mostra duas ferraduras perdidas nas ondas e a mão do Apóstolo agarrada à corda lançada do barco. Este tem bem visíveis duas vieiras.

66. Sobre todo este assunto, ver CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da – “A devoção popular a Santiago de Compostela em Portugal”, in *Brigantia XVII* (1996) 77-114.

dado nome a cafés, a restaurantes e a muitos outros serviços comerciais, mesmo a estações de caminho de ferro (linhas do Douro e do Vouga), tudo em lugares de antigo culto jacobeu, isto é, situados em rotas mais ou menos importantes de peregrinação por terras portuguesas.

No entanto, não há dúvida, no início dos anos 90, vão lá pouco mais de 10, da peregrinação jacobea já quase nem memória resta, se exceptuarmos a crítica – lúcida no meu entender - de Aquilino Ribeiro, um dos maiores escritores portugueses da primeira metade do séc. XX, que a ela muitas vezes se refere:

«- A Via Láctea foi o caminho que S. Tiago tomou quando entrou no Paraíso, não foi Senhor Pe. Santos? - disse o Basco acompanhando o gazeio com um sorriso que lhe franzia os lábios delgados, cheio de meiga e grácil timidez.

- Meteu por ela S. Tiago - disse o frade - mas antes, segundo Ovídio, já metiam os imortais quando se dirigiam à morada do Senhor dos trovões. A lenda cristã enxertou-se no mito, mas não é daí que vem mal ao mundo.»⁶⁷

Em 1993, a iniciar uma peregrinação a Compostela, caminhava eu ainda dentro da cidade do Porto mas já na sua saída Norte, quando uma mulher simples do povo, louçã no seu avental, encostada à empena da porta de casa, ao ver tal quantidade de caminhantes, de bordão, chapéu, mochila e vieira, claro!, disparou: "Ó Senhor! Olhe que Fátima num é praí. É ao contraíro!". Mais uma vez, como desde o século XIX, a devoção e a peregrinação a Santiago substituídas em Portugal pelas de Fátima.

Não há dúvida, no entanto, de que foi a partir dos primeiros anos da passada década de 90 que, a exemplo do que aconteceu por toda a Europa, a peregrinação jacobea de portugueses e de estrangeiros feita por caminhos lusos se tornou cada vez mais intensa. Mas é verdade também que, entretanto, entraram por todos eles enormes interesses económicos e turísticos. Por isso eu disse há bem pouco tempo noutra lugar que há que recristianizar a peregrinação e defendê-la do que a pode descaracterizar irremediavelmente. Mas que ela vem merecendo

⁶⁷. RIBEIRO, Aquilino - *Uma luz ao longe*, Lisboa: Bertrand, 1969, p. 204

um interesse e mostrando uma pujança notáveis nos últimos anos em Portugal, não há dúvida.

Eu próprio acabo de orientar uma notável memória de licenciatura de um aluno da Universidade Católica do Porto que leva por título Caminho de Santiago – a actualidade de uma experiência milenar. Da experiência humana do caminho à experiência de Cristo na peregrinação.

Quando a reflexão da vida chega à Universidade ou quando a Universidade leva à reflexão da vida, julgo que estamos no bom caminho!